



1º
ENCONTRO DE
ESCRITORES
MATOSINHENSES



Matosinhos
Câmara Municipal

1º ENCONTRO DE ESCRITORES MATOSINHENSES

Índice

Mesa 1

Literatura e História Local

Isabel Lago

1º Encontro de Escritores de Matosinhos

Elvira Rodrigues

O(s) meu(s) olhar(es)...

Mesa 2

O Mar na produção artística matosinhense

Belmiro Galego

1º Encontro de Escritores de Matosinhos

A. Cunha e Silva

Imagens d'andar ò mar

António Mendes

Breve História Trágico-Marítima de Matosinhos

Joaquim Queirós

Ma(r)tosinhos



1º ENCONTRO DE ESCRITORES MATOSINHENSES

“Há muito que tardava esta iniciativa. Temos editado livros notáveis. Estamos a prestar uma homenagem àqueles que perpetuaram o nome de Matosinhos, que levaram o nome de Matosinhos mais longe. Esta é uma oportunidade para descobrir novos motivos de interesse no acervo municipal”, manifestou o Presidente da Câmara Municipal, Dr. Guilherme Pinto, dia 2 de Junho, na sessão de abertura do 1º Encontro de Escritores Matosinhenses.

Esta iniciativa, inserida nas Festas do Senhor de Matosinhos, reuniu no Salão da Câmara Municipal figuras do Concelho como António Gomes, Elvira Rodrigues, Isabel Lago, Joel Cleto, Belmiro Galego, Joaquim Queirós, António Mendes e Rocha dos Santos.

“Já passaram por aqui escritores de renome internacional. Tínhamos uma dívida para com estas pessoas”, partilhou, na mesma linha de pensamento, o Vereador da Cultura, Fernando Rocha.

A literatura, a histórica local e a importância do mar na arte matosinhense estiveram em debate num encontro durante o qual foram recordados nomes como Santos Lessa, Rodrigues de Sousa, Domingos Galante, Magalhães Pinto ou Jorge Bento (já desaparecidos), cujo trabalho de investigação contribuiu “para o bem comum”.

A primeira mesa, dedicada ao tema “Literatura e História Local”, foi moderada pelo historiador Joel Cleto e contou com a participação de Isabel Lago, António Gomes e Elvira Rodrigues, que concordaram sobre a importância do arquivo municipal para os seus estudos e pesquisa.

A construção do Porto de Leixões e a implementação da indústria conserveira originaram fortes transformações em Matosinhos nos últimos dois séculos, revolucionando usos e costumes. A vila de Matosinhos cresceu e assumiu-se como cidade, deixando para trás a vida agrícola e abrindo-se à sociedade. A proliferação de jornais e publicações, e o surgimento do movimento associativo contribuíram para as mudanças de pensamento e para sua pluralidade.

A cultura passou a fazer parte do dia-a-dia dos matosinhenses, a par da sardinha, dos armazéns do sal, dos óleos e farinhas de peixe ou das redes de pesca.

Na segunda mesa, intitulada “O Mar na produção artística matosinhense”, Rocha dos Santos liderou um debate com as presenças de Belmiro Galego, Cunha e Silva (ausente, mas que se fez representar por Elvira Rodrigues), António Mendes e Joaquim Queirós.

O fascínio pelas “memórias e cheiros do mar”, o naufrágio de 3 de Dezembro de 1947, a profunda religiosidade dos pescadores, a pintura de Augusto Gomes, Agostinho Salgado, José Emídio e de Alfredo Barros, a lenda da imagem do Senhor de Matosinhos, o mar de Leça, a poesia de Florbela Espanca e de António Nobre, ou os traços de Siza Vieira que transformaram por completo a Boa Nova, ilustraram relatos de episódios, alguns dos quais desconhecidos do público.

“É o cruzamento de gente como esta que dá a riqueza a uma comunidade. Ao longo dos anos, fomos editando vários livros. Sempre defendi uma autarquia com uma política editorial. Não queremos publicar romances, porque, para isso, existem as editoras. O que pretendemos, com as nossas publicações, é deixar um rasto para as futuras gerações”, anunciou o Vereador da Cultura.

Fernando Rocha reconheceu que “há vários hiatos no conhecimento da história de Matosinhos”. “Foram estas pessoas que foram recuperando estes fragmentos. Quem não souber de onde vem, não consegue encontrar o rumo para onde vai. Vamos continuar a editar livros com o objetivo de aprofundar o conhecimento da nossa história”, assegurou.



ISABEL
LAGO



1º ENCONTRO DE ESCRITORES MATOSINHENSES

Literatura e História Local
Mesa 1

1º Encontro de Escritores Matosinhenses

Porque é uma terra de mar, Matosinhos sempre viveu aberta à pluralidade do longe, aos diferentes modos de viver e de estar, às diversas actividades fruto de diferentes competências. Quando o seu povo abandonou o pequeno lugar de Bouças e baixou a instalar-se perto do areal que era toda esta costa, alargou-se o território habitado, mudaram-se as atitudes, a agricultura esmoreceu face à pesca, ao sal e ao comércio. Acompanhada pela bênção do Bom Jesus, a sua gente galgou o mar e instalou-se bem longe, se bem que pendente da terra mãe. Intercambiaram-se culturas e o lugar foi tomando carizes diferentes.

O tempo aproveitou-se disso e ao longo dos últimos 2 séculos, esta gente de marinheiros, pescadores, comerciantes, capitães, industriais e financeiros ajudou a fazer do local primeiro uma vila. A construção do porto e a instalação de uma indústria aberta ao mar produziu uma revolução nos usos e costumes do já quase esquecido pequeno local de agricultores. Todas estas movimentações levaram a sociedade a abrir-se ainda mais ao outro, à novidade das ideias e negócios atraindo gentes de diversas partes que, misturada com os locais, originaram esta estranha mas coesa sociedade que hoje somos nós. E mais tarde iria nascer a cidade com

características muito próprias. Embora baseada nos princípios e nas tradições locais, surgiu uma cultura nova, sui generis porque fortemente enraizada na sociedade e no *modus vivendi* local. Os seus primeiros passos tinham sido dados já na transição do séc. XIX para o XX com a proliferação de jornais, a maioria de debate político, mas onde não faltavam laivos de literatura, onde a arte esteve sempre presente e abundavam as tertúlias, em farmácias, alfaiatarias e cafés manifestações que se mantiveram ao longo do séc. XX. Contudo, e à excepção de alguns casos pontuais, as publicações eram poucas e durante muito tempo limitaram-se ao saudoso Boletim da Câmara Municipal, que na sua cor descolorida, foi contudo um ponto de partida para o que se seguiu. A geração que o conheceu ou nele participou, fruto das mudanças atrás referidas, começava já a reflectir sobre a sua insuficiência, a sentir-se mordida pela curiosidade de descobrir os segredos que esta terra guardava e a desejar descobri-los e revelá-los. Para essa tarefa poucas fontes se conheciam. Para além da imprensa, a única obra para o conhecimento local era então a orgulhosamente só Monografia de Godinho Faria, publicada em 1900. Só 50 anos depois surgiria outra na sequência daquela, a Monografia de Guilherme Felgueiras. No 3º quartel do séc. XX dá-se a grande mudança, ou melhor, o pontapé de saída. Apoiada pelas autoridades municipais que se foram sucedendo, a cultura local deu um passo enorme. E da curiosidade simples passou-se à realização. Desenvolveu-se um enorme gosto pela historiografia, pela literatura, pelas artes, pela música. E Matosinhos como que se abriu aos olhos do país. Esse movimento de pensares num novo formato é que tornou possível estarmos hoje aqui, neste encontro muito desejado num espaço nobre pelo seu simbolismo, convivendo

com gente, oriunda ou residente em Matosinhos, das mais variadas origens académicas, mas que tem em comum ter criado ou publicado aqui as suas obras sejam elas literárias, históricas ou artísticas que, na sua maioria têm como personagem central a própria cidade. É por isso que hoje vamos celebrar a palavra escrita do prosador, a simbólica do poeta, a curiosidade do jornalista. Vamos cruzá-la com a do historiador. Os artistas, escritores de telas e pedra, magos dos pincéis e do cinzel, acrescentarão à palavra o colorido, a fantasia e o brilho dos seus olhares tão próprios. Vamos contar o que fazemos, porque o fazemos e a quem destinamos as nossas obras e as dificuldades que sentimos. Vamos por a nossa alma a nu e sujeitar-nos à crítica e à interrogação de quem talvez ainda não nos tenha compreendido ou queira saber mais sobre nós. Todos juntos seremos uma força capaz de ultrapassar este tempo tão agreste para quem se dedica a escrever e a editar. O que vai surgir depois deste encontro? Francamente não sei. Mas tenho a certeza que sairemos daqui mais ricos, mais curiosos e permeáveis, mais interrogantes e capazes de respeitar e aceitar todos os nossos valores “domésticos”, alguns dos quais, de uma maneira ou outra, facto a que a nossa diáspora matosinhense não é estranha, já deram o salto e são referência no exterior.

Muito obrigada à CMM. Muito obrigada a todos os criadores que estão aqui presentes. Muito obrigada aos funcionários da Biblioteca Florbela Espanca e do Arquivo Municipal pela forma eficiente e atenta com que nos atendem tornando-se pares do nosso trabalho. Muito obrigada aos nossos amigos, familiares e seguidores que quiseram partilhar este momento connosco. Muito obrigada a Matosinhos que nos escuta, lê e acredita em nós.





ELVIRA RODRIGUES

1º ENCONTRO DE ESCRITORES MATOSINHENSES

Literatura e História Local
Mesa 1

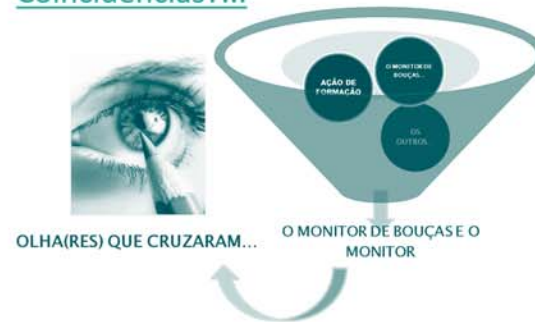
O(s) meu(s) olhar(es)...



Era uma vez...

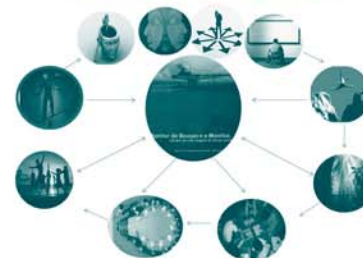


Coincidências?...



A História Local e o Património na(s) Escola(s)...

Conhecer para melhorar...



Uma Escola de compreender o Mundo...

A Paixão alimenta a busca...

Outros olhares...
Outras obras...



Com os outros...



A História Local e o Património (re)visitados

Vários Contextos...



Novos Olhares...

NA SALA DE AULA...
EM VISITAS DE ESTUDO...
COM "A ARQUEOLOGIA VISITA A ESCOLA..."
PROJETO "À DESCOBERTA DA HISTÓRIA E PATRIMÓNIO LOCAL..."

Persistência...



Com os outros...
Rompendo barreiras...

Obras que desnudaram outros olhares...



Hoje em dia, ser Professor

não é ar ... é ser
não é terra... é fazer.
não é água ... é ter.
não é nada... é SÓ estar...
DE CORPO, ALMA E CORAÇÃO!
(Maria do Céu Mesquita)

O meu Olhar.. Enformado por outros Olhares...





BELMIRO
GALEGO

O Mar na produção artística matosinhense

Mesa 2



1º ENCONTRO DE ESCRITORES MATOSINHENSES

1º Encontro de Escritores Matosinhenses

Falar sobre o mar, para mim sinto logo um certo fascínio de memórias e cheiros.

Parte da minha obra publicada esteve sempre presente o mar, mar esse a que estou ligado devido a pertencer a uma família de pescadores.

Nasci, brinquei, trabalhei durante 30 anos ligado aos pescadores, durante o tempo da lingueta e do bordão, Comissão de Vendagem e por último Docapesca.

Presentemente vivo junto ao mar, na rua Heróis de França, rua onde nasci, outrora considerada zona suja, hoje mais nobre.

Mar e Pescadores que me serviram de inspiração para escrever o livro Pescadores de Matosinhos em 2000 o mesmo que serviu para realçar e dignificar a grande figura do pescador, que a até ali poucos se atreveram a falar.

Vivi o drama da grande tragédia marítima em 2 de Dezembro de 1947, junto à nossa costa, passando a livro em parceria com o meu grande amigo o poético escritor A. Cunha e Silva.

Vi lágrimas e ouvi gritos de corpos cobertos de negro, correndo toda a praia e vi outros corpos que o mar abandonou nus sobre a areia.

O mar foi sem dúvida o principal fator do desenvolvimento desta nossa terra.

Com o começo da construção do porto de Leixões, em 1884, novos processos e métodos de pesca foram criados.

O barco a remos e vela foi substituído pelo barco a vapor, num crescimento constante, chegando ao barco a motor, atingindo a nossa frota 120 traineiras, 40 arrastões e muitas centenas de barcos de pequeno porte utilizados na pesca artesanal, chegando a empregar mais de 5.000 pescadores, só na pesca da sardinha, criando assim muita riqueza.

Estávamos nos anos 50.

Mas o grande desenvolvimento deu-se no período 1939 a 1945, em plena 2ª Guerra Mundial onde foram criadas grandes fortunas, num total de 70 armadores de pesca.

Com esta indústria outras foram muito prósperas, ligadas à indústria da pesca, destacando a da Conserva e Salga.

Existiram:

Fábricas de conservas – 43

Armazéns salmoura – 29

Depósitos de gelo – 4

Armazéns e depósitos de sal – 15

Litografias – 3

Fábricas e armazéns de óleos e Farinhas de peixe – 6

Negociantes de peixe fresco e salgado – 46

Peixarias – 42

Fábricas de redes de pesca – 2

Construtores navais – 7

Tanoarias – 6

Funileiros – 14

Serralharias – 16

etc.

Matosinhos, que outrora foi Terra de Pescadores, deixou de o ser, acabando por desaparecer a maioria das indústrias acima citadas a partir dos anos 80 e com isso as principais: a Pesca e Conservas.

E com muita mágoa que acabo esta pequena narrativa leitura de uma pequena viagem sobre o mar onde deviam existir sinais objetivos que fizessem criar e sentir-se uma atmosfera ambiente onde fosse fácil de respirar uma cultura do Mar, da Pesca e dos Pescadores.

Espero e faço votos que para o ano estejamos aqui com mais escritores a falar a nossa língua, sugerindo a quem de direito que se crie um prémio literário para jovens sob o tema o Mar e Pescadores, para o não esquecimento das nossas raízes.





A. CUNHA
E SILVA



1º ENCONTRO DE ESCRITORES MATOSINHENSES

O Mar na produção artística matosinhense

Mesa 2



... a uma pintura

O náufrago arribado à praia na obra “Mar Salgado” de Augusto Gomes, punge de lágrimas o areal tétrico. As figuras, volumétricas, sombrias, carpideiras da espera, mostram lívidas linhas de cabelos molhados onde foram escritas as memórias de males ruins, de sorrisos e de afagos. Para o pintor (filho das dores do mar) a tragédia etérea, fixa-se no nítido recorte da morte; o preto do luto, o branco do sudário. Exaustas, as mulheres arfaram como o mítico “Tritão”. Acabaram-se as pragas. Nas preces sussurradas o bafejado cântico da encomendação das almas.



... a uma escultura

Misturados com o vento sudoeste, Irene Vilar reconheceu os sons da memória; o apito do comboio — Linha de Cintura — carregado de carvão, as sirenes dos navios — bacia de Leixões — a chamar os embarcadiços, uma vareira a apregoar na Rua de São Sebastião, e mulheres aos magotes na praia a praguejar contra o mar. Vestida de negro como breu, Irene subiu ao cais do Sul e, na névoa do olhar enxergou um barco, desmembrado e solitário a regressar a Leixões. Um fantasma, símbolo da desgraça e saudade fragmentada. Sentiu um arrepio dos pés à cabeça. Cuspinhada de espuma do mar e maus pensamentos, ouviu o rumor da água e o som do bronze embalados na mesma malha. Irene abriu os braços, elevou-os ao céu, e fez como viu fazer às viúvas do mar! Deu um grito único, como lâmina... Mar-cão, meu desgraçado!



... a uma fotografia

O “Chalão”, velho arrais, reuniu a família no cavername da sua casa. Momento único para registar a companha do lar dentro do seu barco — barco do seu destino. O ambiente cenográfico é pobre; tabique na parede e faixa no sobrado. A iluminação, mal distribuída, denuncia um fotógrafo de botar figura pelo barato. Nesta foto de família, o “Chalão” não tem filho ou filha a tocar-lhe! Dantes era assim, o pai ouvia-se, respeitava-se, temia-se. As mãos das crianças, são mãos apoiadas no garante, na força da Ti Felismina, a única que não irá ser roubada por uma vaga de mar. Mulher símbolo: mãe-praia, mãe-barco, mãe-canasta. Mulher sábia: mãe-regaço, mãe-esperança, mãe-coragem. Chalão — o patriarca. Ti Felismina — a lacrimosa mater.

... a um azulejo

Os azulejos votivos das casas de Matosinhos assinalam a profunda religiosidade dos pescadores. Nesses votos tiveram influência as safras douradas da pesca de sardinha. Armadores, conserveiros, mestres e camaradas construíram vivendas, pequenas casas “ao rés da rua”, ilhas comunitárias de morada permanente ou sazonal. Os azulejos votivos “ao pé da porta”, são os frutos dessa sementeira. Qual a intenção em louvor de Nossa Senhora dos Pescadores? Um voto ou uma promessa? Na imagética do azulejador, a barca de caronte faz a travessia da vida para a morte. No colo da Senhora, o menino acena um terno gesto de adeus. “Adescobrimo-se”, o pescador tira o barrete em saudação. Adivinha-se tempestade no rosto crispado do remador, que deixa ao anjinho protector, o olhar no profundo das águas agitadas e traiçoeiras do mar. No logradouro de Matosinhos, “ao rés da rua”, os azulejos votivos desenham um rosário de contas vidradas, terço de todas as rezas, ladainhas de todas as horas, espirituais de todas as almas.



... a um jardim do mar

Quando atravessamos a avenida de plátanos no Parque Basílio Teles, as falas, o vozeirismo, são vozes do mar. Cada banco do jardim é um banco de dados, fala-se dos naufrágios, das traineiras a fogo, do paladar das caldeiradas. Mais à frente, respiga-se sobre a categoria dos mestres e camaradas. Pelo modo como falam ou como barregam, vê-se que são homens sabedores de cavernames, das redes e do encascar. E as alcunhas? O “Zé do beco”, o “Mastro sêco”, o “Mal-aviado”! São “d’aonde”? Fulano é da Murtosa, conhece-se pela “pinta”, beltrano é da Póvoa, topa-se pelo “ar talhado”. Um reideiro da Gafanha berra rouquenho por cima das vozes; oh camaradas... somos todos do lugar mar.

... a um barquinho

Nos momentos livres, os pescadores dedicam-se a fazer miniaturas de barcos. A cortina nevoeirenta do tempo roça-lhes as mãos e, no imaginário, o mar entra-lhes pela soleira da porta adentro. Não são barcos de navegar, são barquinhos de sonhar o mar; bateiras da arte xávega, lanchas poveiras, chalandras e traineiras. Viram-nos a chegar a Leixões, porto de abrigo de esperanças, desesperos, alegrias breves e dores profundas. Aqui arribaram os de Viana, Apúlia, Esposende, Póvoa e Vila do Conde — vinham do norte, da Costa Negra, tocados pela nortada.





ANTÓNIO MENDES

1º ENCONTRO DE ESCRITORES MATOSINHENSES

O Mar na produção artística matosinhense

Mesa 2

Breve História Trágico-Marítima de Matosinhos

A meu Avô Manuel Francisco Mendes, que foi maquinista da traineira «Santa Cruz» nas décadas de 30 e 40.



"Da Sétima Vaga ao Sete-Estrela"

Breve História Trágico-Marítima

* * * * *

Desenhos: António Mendes
Texto: Prof. A. Cunha e Silva
Montagem: Albano Chaves



I
Na esperança de o ouvir pulsar, pousou a palma da mão sobre o ventre. Ao longe, um barco levava-lhe o seu home, o seu herói. Só o mar os separava! Sentiu um sinal! O menino tremelicou sete vezes. – Sete, porquê?, repetia no vazio do cais. Agoniada e atormentada pelo aviso, abeirou-se de uma mulher ledeira. Segredou-lhe a visionária: - Nascerá de sete meses e aos sete anos morrerá. Vai, corre à praia e banha-te na sétima vaga.



II
O menino nasceu na esteira do chão da cozinha. Diziam as alcoviteiras, atarefadas de águas amornadas: - Vamos mulher... cedo vais dar! Mulheronas habituadas, gritavam alvorçadas... - Vamos, mulher... e um choro de criança fendeu o ar.



III
Meu filho, olha o barco grande, o pão do pai! - Bamboua, murmurou o menino? - Sim, também o cais da espera embala gemidos o ais.



IV
O velho pescador, avô do menino, fez um barco de papel de jornal, para ele brincar na areia. - Num naveia, avó? - Num é naveia que se diz, é navoua. O barquinho de papel não se movia e o menino encostou-o ao ouvido e pôs-se a escutar. - O que ouves? - Vozes do mar! - Estás a ser puxado pelo destino. Um dia levo-te a navegar.



V
Miguel Torga escreveu no seu Diário (XIV): "todo o além começa neste cais". Madrugada ainda, os pescadores de Matosinhos benziam-se e ajoelhavam no templete do Senhor do Espinheiro. A partir daí, dessa obediência, tudo se moldava no vozear, das orações às pragas. Olhavam o mar como um mito sagrado.



VI
O menino nasceu em 1940, e no dia do naufrágio de Janeiro de 1947 fazia sete anos! Foi ao mar pela primeira vez e morreu ao romper da aurora, no apagamento do sete-estrela. Os meninos náufragos foram muitos naquele fatídico dia. Aquele morreu menino, no bercário do olhar da sua mãe. Cumpriu-se o presságio do desastre na tarefa árdua de morrer afogado.



VII
A sétima palavra e última de Cristo ecoou nos ares. Levantaram-se areias e espumas e as vozes lamuriaram: - "Pai, por que me abandonaste?" Escureceu como breu e Matosinhos ficou enlutada.





JOAQUIM
QUEIRÓS



1º ENCONTRO DE ESCRITORES MATOSINHENSES

O Mar na produção artística matosinhense

Mesa 2

Ma(r)tosinhos

- 01** Gostei e agradeço ter sido convidado para este encontro. Desconhecendo as regras da nossa presença, vou deixar embalar a nossa pobre embarcação, construída em madeira de fraca cultura, mas que vai navegando. O encontrar aqueles que são de Matosinhos e que um dia escreveram sobre a sua terra ou a terra que os adoptou, é já, para mim, altamente gratificante, mas difícil. Decidimos olhar para o Matosinhos de Horizonte e Mar - um slogan felizmente apanhado certamente numa tarde de sol brilhante e mar bonançoso, por parte de Manuel Dias da Fonseca. O mar da sua terra inspirou-o. Tentaremos, por isso, fazer baloiçar também o nosso coração como um barco encostado ao cais.
- 02** Nascemos a poucos metros da espuma do mar espreguiçando-se na areia da Praia Nova. Há 78 anos o mar foi praticamente o nosso berço e a canção para nos embalar. Mas, apesar desse embalo, teremos dificuldade em falar sobre a sua motivadora imensidão na vida humana, sobretudo porque nesta vaga de gente importante e boa que se juntou nesta tarde de Junho, no encerramento das festas do nosso padroeiro, seremos talvez o único que não sabe nadar na onda intelectual que tão importante é para se sobreviver na crista da mesma. Por isso, no nosso cartão de apresentação, teremos de dizer que aprendemos cedo a gostar do mar e dele viver, saboreando as sardinhas, de côcoras, no chão da cozinha, ao lado dos nossos vizinhos pescadores. As sardinhas tinham, então, o sabor do bife.
- 03** Muito cedo, pelos 10 anos de idade, iniciamos a nossa vida profissional, de calções com alças e sapatilhas nos pés e a ter de enfrentar a maior procela, ondas altas de contestação, vergados à obrigação de sermos alfaiate e a não podermos correr atrás das letras e do saber mais como o mar caminha alegremente para as areias da praia. Daí que, somente, após o esforço que fizemos como trabalhador-ajudante, pudemos aspirar a poder alinhar umas palavras. Tentaremos, assim, fazer um fato à medida desejada, mas não sabemos se a costura sairá certa. Puxaremos, no entanto, da linha de pensamento, e vamos agulha que se faz tarde, alinhavo, atrás de alinhavo.

- 04** Tentaremos ainda cozer os substantivos e adjectivos, sem esquecer os complementos directos e indirectos e uma boa conjugação verbal. Veremos a obra que vai nascer, e se a consigo vestir nos vossos desejos.
- 05** Ouçam, cai uma gota de água e bate na pequena rocha. Logo outra, mais outra, lá em cima nas fragas do Monte Córdova. Nasce assim o rio Leça, nos altos de Santo Tirso. Depois, gota mais gota, borbulha mais borbulha, empurrada pela verdura das margens, numa despedida. Muitos quilómetros, lá em baixo, lá longe, irá aumentar, encher, encontrar outras gotas e formar um largo bojo de margem a margem. Pelo caminho fará rodar as mãos dos moinhos, saltando de açude em açude, afagando roliças pernas de mulher afogadas no leite do rio lavando e batendo corpetes e lençóis, testemunhando provas de amor atrás das moitas, num nunca mais acabar de juras que marcam o seu percurso.
- 06** Fará poetas e pintores inspirarem-se no seu correr: umas vezes com pachorra, outras com o nervosismo de quem quer conhecer outras paragens, outros mundos. Antes de passar por Passos Manoel e não o conhecer, o Leça, no cercar do Mosteiro de Leça do Balio, lavou a espada de D. Afonso Henriques, refrescou a face de D. Sancho I e da rainha D. Mafalda, abençoou o casamento de D. Fernando, serviu de repouso a D. Nuno Álvares Pereira. Mais abaixo, antes do abraço ao oceano, encontrou a cosmopolita Leça da Palmeira. E para debruçar a fita de ceda o fato que tenho nas mãos, apetece-me, aqui, avançar no tempo e recordar um curto trecho de Raúl Brandão, de 1923, quando ele escreve, certamente de calça arrugada e com as gotas do Leça afagando a sua sola dos pés. É uma homenagem a uma terra das mais românticas da nossa beira-mar.
- 07** "Leça, que recebeu o nome do rio, era outro tempo uma terra à parte do mundo, de ingleses velhos, de poetas e de marítimos. Tinha um velho forte transformado em hotel, ruas misteriosas e casas com degraus de pedra para os grandes portões vermelhos, que nunca se abriam, e um fio de rio - o mais feliz do mundo - onde a água corria devagar entre salgueiros, parando, cismando, reflectindo a camada das folhas, umas verdes, outras de ouro. Vinha de cima dos pinheirais isolados e acarretava folhas; vinha dos campos de milho e cheirava a brávo; vinha das açudes onde as lavadeiras cantam e trazia consigo o eco das risadas. Embalava o barco do Montalvão, que, no fundo das cavernas,

sonhava, de barriga para o ar, a mais bela obra do mundo. Descia, estremeira, parava entre as árvores que se fechavam em cima formando uma abóbada, e acabava em fim por fazer mover o velho moinho de ao pé da ponte. E sentia-se que o rio tinha pena de acabar. Estava cheio de versos, de cantigas, de silêncio, entontecido e quase humanizado."

- 08** Apetece-nos recordar nosso tio Joaquim, antes de embarcar para a guerra da Flandres, quando na praia leceira apanhava as pedrinhas que o mar trazia até à areia e nelas pintava paisagens da sua terra e as vendias aos inúmeros estrangeiros, sobretudo ingleses. Hoje, lá mas recordações de qualquer família de Londres, Manchester, Birmingham há pequenas pedras pintadas com grandes recordações do mar português. Não podemos esquecer o espraíar do mar na areia, na sua presença notarial de ligar amores, de fazer casamentos com a colocação dos beijinhos da Praia de Fuzelhas, espaços que a mão mágica de António Mendes tão bem tem fixado na tela. O mar de Leça da Palmeira Mas voltemos ao rio que não parou, nem parará. O rio que passou pontes, todas elas pregadas ao fundo leito por históricas pedras arrastadas por mãos romanas e hoje olha para cima e vê o progresso na arte da engenharia.
- 09** E rio, indiferente, não parou mesmo e chegou à foz. Só a sua água mudou de sabor e o seu temperamento poético. A água doce, nascida nas terras dos monges e no falar com Deus através da oração, no sol da água do oceano imenso encontra-se com o amargo do sal. Estava ali o mar. E o rio Leça pedia licença para embarcar no correr mundo. Virou a norte e a sul e sulcou para o longo do horizontes. As gotas caídas uma a uma, passaram a fazer parte das ondas alterosas que embalarão, durante séculos os Descobrimentos. O rio Leça andou e anda pelas terras do Oriente, abraçou gente doutra cor, também fez carrancas ao Adamastor, tocou os pés dos índios brasileiros, depois de também trepar e molhar as franjas do manto do Infante no algarvio promontório de Sagres.
- 10** Mas a gota a gota do Monte Córdova, deslizante nos seus 50 quilómetros, ao abraço o oceano manto branco e espelho da terra de Matosinhos, esticado ao longo de mais de duas léguas, em tempos com marcas no areal das patas do soberbo cavalo de Cayo Carpo e, mais tarde, berço, nas areias da praia do Espinheiro da imagem decepada a quem o povo chamaria de Senhor de Bouças, mais tarde Senhor de Matosinhos, obra de Nicodemus, um dos homens que dizem ter ajudado a descer Jesus da Cruz, uma imagem igual a outras que correram oceanos indo varar nas praias de São Martinho de Luca, em Itália; outra ainda apanhada no alto das ondas defronte de Ourense e ainda mais outra também no meio do oceano em Burgos; e uma última na antiga Síria, hoje Beirute, mais tarde excomulgada por fuga no ataque aos cristãos, foi tirada ao mar imenso, indo parar à foz do rio Ebre, o qual, segundo a história terá subido contra a corrente, sendo a relíquia apanhada pelas irmãs Clarissas, mas durante a guerra civil, o convento seria dizimado e do Bom Jesus, só se salvaria um pé.
- 11** Permiti-me deixar vogar nas ondas dos velhos escritos e voltar ao nosso mar, aquele mar que todos os dias nos molha com ondas de alegria, de riqueza e morte. Ao Norte, à foz do pequenino Rio Onda, filhote do Rio Ave, que também contribui com a sua água para engrossar o oceano, enleando-se nas algas e no sargaço um dos tesouros de Angeiras e que, porque não, algas que há muitos anos ajudaram a assustar os invasores alemães que deixaram enredar-se pelas mesmas o belicoso submarino, ainda hoje ali sepultado e todos os dias vergastado pelo nosso mar. O mar que saltou a terra e motivou as mãos romanas a construirermos os seus tanques de sal, como a seguir no peralifense Montedouro, perto do outro mar que se abriu num abraço para deixar desembarcar as tropas de D. Pedro.
- 12** O mar de Leça, da terra dona do rio com o mesmo nome, que ainda hoje tem a vigia da capelinha de S. Clemente das Penhas, na Boa Nova, fronteira ao grande penedo que foi testemunha dos gritos de morte da desgraça do afundamento do Veronese "Ó Boa Nova, ermida à beira mar única flor, nessa viv' alma de areais!" como escreveu António Nobre e, na pedra, mais adiante, onde deixaria a mensagem "na praia da Boa Nova, um dia, (Edifíqui foi esse o grande mal) Alto Castelo, o que é a fantasia, Todo de lápis-lazuli e cora!" Do farol, amigo do oceano e de quem o sulca, com os raios de luz de, muitas vezes de misericórdia, do indicar das rotas de salvação.
- 13** Dos novos tempos da arte do "arquitecto do mundo", Siza Vieira, um dos nossos, que concebeu um monumento que saúda o imenso mar, ele o senhor dos traços e dos riscos que, mais adiante também concebeu um cofre para as marés e para um constante e refrescante abraço entre o povo e o mar. Uma jóia no nosso mar.

O mar que Florbela avistava do paraiteio da sua janela e a inspirava em momentos de aperto de alma. O mar e o rio que Francisco Sá Menezes (Conde de Matosinhos), António Carneiro, Agostinho Salgado, Augusto Gomes e tantos outros marcaram na tela para a eternidade. Um Alfredo Barros e José Emídio que nos seus trabalhos, aqui e ali surgem figuras de ninfas, de sereias que na minha meninice julgava existirem por detrás dos leixões da barra.

- 14** O mar e a praia de Leça da Palmeira, com a sua água quase perfumada para molhar os pés brancos da gente estrangeira, enquanto em Matosinhos, na primitiva Praia de D. Carlos, a dois passos dos canaviais, os chapéus de palha evitavam o furor do sol, e a sul, na Praia Nova, no areal de toda a gente, dos mais iguais, se olhava o mar até o sol se esconder lá longe, no Brasil, como julgávamos em criança que tal acontecia. O mar da força de trabalho duma terra, com os seus lobos que galgavam ondas que pareciam montanhas. O Ti João Pérola, que usava a gravata para apertar as calças, os Chalões, o Chico Videira, o Mucete, o Mário Magalhães, os Tarrés, os Calistos, uma legião enorme de gente vinda do Algarve, Setúbal, Peniche, Nazaré, Murtosa, Espinho, Afurada, Caxinas, Póvoa e Esposende, toda ela trazida pelas vagas do mar, pelo cheiro da maresia, pelo mar que dava o pão nosso de cada dia. O mar que trazia, trouxe e trás o alimento duma terra. Um tesouro embrulhado em conchas.
- 15** A sinfonia das sirenes das fábricas, fabricando a conserva do peixe trazido pelo mar e enviado pelo mesmo mar, num corredor imenso por esse mundo fora. O nosso mar que também nos trás do sul as águas do Douro e com elas a fortuna do sabor do ouro que os vinhedos durieneses produzem, transformado no vinho de eleição que é usado por esse mundo fora para selar os grandes acontecimentos. O mar à mesa, no saborear duma sardinha assada, um manjar dos céus e que para ser saboreado foi antes tirado das profundezas do oceano por braços fortes, muitos deles que tiveram nesses oceanos a sua vida e morte. Como dizia Nobre: "O moço, estático, pensa, Cheio de saudade imensa, Assentado no convés: Ora às águas de mãos juntas, Faz às ondas mil perguntas E elas respondem, "TALVEZ"..."
- 16** Muitos homens morreram, muitas mulheres choraram e muitos filhos nunca puderam sentir os beijos dos pais como o mar quando beija a areia. O ponto de encontro do mar e do rio com os barcos ancorados, parecendo gaivotas gigantes, com gente encharcando as águas de lágrimas, partindo para o Brasil, sobretudo novos caminhantes para as margens do imenso Amazonas. Mais tarde, o porto comercial, que todas as manhãs acordam, saudando o mar com o seu "bonjour", "good morning", "buenos días" ou "guten Morgen", numa derindana de trabalho que faz de Leixões uma das paixões da economia e da riqueza. Diz o poeta que fala como o mar, a ele se confessa como a um melhor amigo. É que a pureza das suas águas sara a dor da alma. O mar que salta na face rude das mulheres e homens, repetimos, das telas de Augusto Gomes.
- 17** O poeta alude: E ela, uma rapariga excêntrica, mas boa, Tirou do seio a cruz de ferro com brilhantes. Lançou-a ao ar; o mar indómito arrastou-a... E abraçaram-se à cruz as ondas soluçantes! Por que é que essa criança ingénua e pequenina Faria tal, Senhor? Ah, quis, talvez benzê-la, Por isso é que a afogou, naquela água divina... Não nos esqueçamos. Todos. Neste momento, lá no alto do Monte Córdova, mais uma gota salta, uma atrás da outra, de fraga em fraga, roçando, espreguiçando-se, a caminho do oceano, dos imensos mares, das guerras, das lutas, dos amores, dos poetas.
- 18** E, como um filho da beira-mar, termino, fazendo um pedido, cunhado pela poesia de António Nobre: Quando eu morrer, hirto da mágoa, Deitem-me ao mar! Irei indo de frágua, em frágua, Até que enfim, feito em água, Hei-de fazer parte do mar! INFORMAÇÃO IMPORTANTE: Neste momento caiu mais uma gota no alto do Monte Córdova. O mar passou a ser maior. Foi uma gaivota que trouxe a boa nova deixada por um seu pombo amigo residente num ninho do Monte Assunção.
- 19** E pronto, melhor não sabemos. Vamos parar a agulha do nosso conhecimento. A linha acabou. Esperamos que tenham gostado do fato. Não sabemos fazer melhor.



2^o
ENCONTRO DE
ESCRITORES
MATOSINHENSES

1 JUNHO 2013

SALÃO NOBRE
PAÇOS DO CONCELHO



Matosinhos
Câmara Municipal